

# Luto, amor e melancolia nas **Cartas Portuguesas**, de Mariana Alcoforado\*

Cláudia Franco Souza\*\*

“(...) na escrita meu corpo goza ao traçar, incisar ritmicamente uma superfície virgem (sendo o virgem o infinitamente possível).”

Roland Barthes

## RESUMO:

Pretende-se fazer aqui uma análise das **Cartas Portuguesas**, de Mariana Alcoforado, tendo como chave de leitura os textos “Luto e Melancolia”, de Freud, e a primeira parte do livro **Estâncias**, do autor Giorgio Agamben, em que o autor trata também do tema luto e melancolia.

Palavras-chave: Mariana Alcoforado; **Cartas Portuguesas**; Amor; Luto; Melancolia; Produtividade.

É importante esclarecer que, para o estudo das **Cartas Portuguesas**, de Mariana Alcoforado, partiremos do conceito de texto como produtividade, conceito estabelecido por Barthes num escrito da década de 1970, em que o autor em questão escreveu o seguinte:

O texto é uma produtividade. Isso não quer dizer que é o produto de um trabalho (como o que poderia ser exigido pela técnica da narração e pela maestria do estilo), mas sim o teatro de uma produção em que se reúnem o produtor do texto e seu leitor: o texto trabalha, a cada momento e

\* Trabalho final do curso “De Orfeu e de Perséfone: variações do saudosismo amoroso na literatura portuguesa”, ministrado pela Profa. Dra. Lélia Parreira Duarte, no 1º semestre de 2008, no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

\*\* Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.



luto quanto a melancolia são estados de ânimo profundamente dolorosos que traduzem a perda de um objeto amoroso.

O luto, para Freud, causa no sujeito um trabalho de desinvestimento no objeto amoroso. Ou seja, a realidade mostra que o objeto amoroso foi perdido, não mais existe e “o respeito pela realidade passa a exigir a retirada de toda a libido da relações [Verknüpfungen] anteriormente mantidas com esse objeto.” (FREUD, 2006, p. 104). O autor austríaco defende que pode acontecer do sujeito agarrar-se ao objeto amoroso de forma alucinatória por um período, até que o princípio de realidade saia vitorioso. No processo do luto o mundo torna-se pobre, vazio, e existe um trabalho desenvolvido pelo Eu que vai se desligando do objeto amoroso, esvaziando o mesmo do seu conteúdo simbólico.

O estado melancólico ocorre, segundo Freud, quando a sombra do objeto amoroso recai sobre o Eu:

A partir daí uma instância especial podia julgar esse Eu como se ele fosse um objeto, a saber: o objeto abandonado. Desta forma, a perda do objeto transformou-se em uma perda de aspectos do Eu, e o conflito entre Eu e pessoa amada transformou-se num conflito entre a crítica ao Eu e o Eu modificado pela identificação. (FREUD, 2006, p.108).

Diferentemente do luto, processo no qual o sujeito sabe qual foi a perda, na melancolia não se sabe ao certo qual o objeto foi perdido, esse fato escapa à consciência. E como o sujeito e o objeto se confundem num determinado ponto da psique, o Eu torna-se alvo de reprovação, censuras. O sujeito melancólico sofre de um delírio de insignificância, não é o mundo que se tornou pobre e vazio, mas ele próprio, o Eu:

Uma vez tendo de abdicar do objeto, mas não podendo renunciar ao amor pelo objeto, esse amor refugia-se na identificação narcísica, de modo que agora atua como um ódio sobre esse objeto substituto, insul-

tando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo desse sofrimento alguma satisfação sádica. A indubitavelmente prazerosa autoflagelação do melancólico expressa, como fenômeno análogo na neurose obsessiva, a satisfação de tendências sádicas e de ódio. (FREUD, 2006, p. 110)

Na primeira parte do livro **Estâncias**, o escritor Giorgio Agamben trata da questão da melancolia associada à escrita e ao amor. Nos cinco primeiros capítulos no livro, o autor escreve diretamente sobre a melancolia, mostrando como a doença foi tratada desde os tempos mais antigos, defendendo que aqueles que possuíam o temperamento da “bílis negra” eram tidos por pessoas com vocação contemplativa, propensas ao exercício da poesia, da filosofia e das artes. Agamben desenvolve todo um raciocínio sobre a melancolia desde a Antiguidade até Freud, concluindo pela existência de uma relação estreita entre a melancolia, o amor e a escrita.

A escrita é melancólica na medida que não alcança o objeto perdido, que já está assimilado ao Eu e é inapreensível, segundo a interpretação do filósofo Giorgio Agamben. No capítulo “Os fantasmas de Eros”, Agamben mostra uma associação entre melancolia e criação artística, cuja causa, segundo o autor, ocorre pela prática fantasmática que o melancólico realiza: “A associação tradicional da melancolia com a atividade artística encontra a sua justificação precisamente na exacerbada prática fantasmática, que constitui a sua característica comum.” (AGAMBEN, 2007, p.52)

Através do autor Ficino, Agamben defende a relação entre Eros, melancolia e criação fantasmática, como esclarece a seguinte passagem:

Mas é mais uma vez em Ficino e no neoplatonismo que a capacidade da bÍlis negra de reter e fixar os fantasmas e fixada é afirmada no interior de uma teoria médico-mágico-filosófica, que identifica explicitadamen-

te a contemplação amorosa do fantasma com a melancolia, cuja participação no processo erótico encontra assim a própria razão de ser em uma excepcional disposição fantasmática. (AGAMBEN, 2007, p. 51)

Veremos a seguir como essas ideias se articulam com as **Cartas Portuguesas**, de Mariana Alcoforado.

## LUTO, AMOR E MELANCOLIA NAS CARTAS PORTUGUESAS

Em 1669, as **Cartas Portuguesas** foram publicadas pela primeira vez, em Paris, numa edição de autor anônimo (na época tratava-se de uma prática editorial comum). Em Portugal, existe uma versão segundo a qual as cartas teriam sido escritas por uma freira que foi apaixonada por um oficial francês. As dúvidas que cercam a autoria das **Cartas Portuguesas** colaboram para a tessitura deste trabalho, na medida em que, como já foi dito, não nos interessam dados pessoais do sujeito empírico produtor do texto, mas a questão do texto como produtividade.

O texto consiste em cinco breves e intensas cartas de amor, nas quais uma voz apaixonada fala da perda do objeto amoroso e da dor que sente diante dessa perda, como fica claro nesta passagem da primeira carta:<sup>1</sup>

Mil vezes ao dia dirijo para ti os meus suspiros: eles procuram-te em toda parte e, como recompensa de tantas inquietações, apenas me trazem o aviso demasiado sincero da minha triste sorte, que tem a crueldade de não suportar que eu me iluda e que a cada passo me diz: basta!, basta!, infeliz Mariana, basta de te consumires em vão e de procurares um amante que nunca mais voltarás a ver; um amante que atravessou o mar para fugir de ti, que está na França no meio dos prazeres e nem

<sup>1</sup> ALCOFORADO, 2007, p.16. Todas as citações serão dessa edição, indicadas apenas pelos números das páginas.



como estado melancólico, percebemos também que a perda do objeto não está a nível inconsciente, um dos maiores traços que marcam o estado melancólico. A voz que ecoa pelo texto sabe o que perdeu, ou quem perdeu, e nos demonstra o mal-estar diante dessa perda, o que numa interpretação freudiana mostra a vitória paulatina do princípio de realidade.

Na quarta carta, ainda percebemos o tom da mulher que foi abandonada e ainda encontra-se em debate com o amor. A voz da suposta freira continua a descrever o processo do luto, da falta: “É verdade que tive prazeres bastante surpreendentes amando-te: mas custam-me agora terríveis dores! São sempre extremas as emoções que de ti me vêm!”. (p. 45)

A última carta revela uma certa raiva do objeto perdido, o que, numa perspectiva freudiana, poderíamos interpretar como triunfo do princípio de realidade. A remetente percebe a falta do objeto amoroso em todos os textos e, no último, expõe a sua raiva diante do abandono, diante do objeto que não mais se faz presente, como marca esta passagem:

Escrevo-lhe pela última vez, e espero fazer-lhe saber pela diferença dos termos desta carta, que, finalmente, me persuadiu de que já não me amava e que, portanto, também eu devo deixar de o amar. Vou, pois, enviá-lhe, pelo primeiro portador, tudo o que ainda me resta de si. (p. 59).

De acordo com a nossa análise, podemos associar a escrita das *Cartas Portuguesas* ao trabalho de luto defendido por Freud. A voz apaixonada não se mistura com o objeto amoroso, então não podemos afirmar que a sombra do objeto recaiu sobre o Eu. Além disso, a escrita nos mostra um caminho de desinvestimento do objeto amoroso pelo sujeito amoroso. Se, num primeiro momento, a remetente parece agarrar-se de forma obsessiva e alucinada ao objeto, na última carta ela

parece fazer o movimento de separar-se dele, de aceitar o princípio de realidade, que marca a falta.

Associando as **Cartas Portuguesas** às idéias desenvolvidas por Agamben na primeira parte do seu livro **Estâncias**, chegaremos a outra conclusão. Agamben defende que a escrita é o fantasma do objeto perdido; a escrita literária será assim marcada pela melancolia:

O locus severus da melancolia, que, porém, segundo Aristóteles, significa engenhô e prudência', é, também, o locus severus da palavra e das formas simbólicas, mediante as quais, de acordo com as palavras de Freud, o homem consegue 'gozar dos próprios fantasmas sem escrúpulo nem vergonha; e a topologia do irreal que ela delinea na sua móvel dialética é, ao mesmo tempo, uma topologia da cultura.

Não nos surpreende, nessa perspectiva, que a melancolia tenha sido identificada pelos alquimistas como Nigredo, o primeiro estágio da Grande Obra que consistia, segundo a grande máxima espagírica, em dar corpo ao incorpóreo e em tornar incorpóreo o corpóreo. (AGAMBEN, 2006, p. 54)

A esse propósito, podemos lembrar um trecho do livro de Roland Barthes, **Fragmentos de um discurso amoroso**, em que o autor fala justamente sobre o caráter destrutivo da escrita: "escrever sobre alguma coisa é destruí-la" (BARTHES, 1985, p. 92), porque a escrita é o início de infinitas possibilidades e não o fim, o fechamento de uma questão. Como esclarece essa passagem: "Saber que não se escreve para o outro, saber que as coisas que vou escrever não me farão nunca amado por aquele que amo, saber que a escritura não compensa nada, não sublima nada, que ela está precisamente *aí onde você não está* - é o começo da escritura. (BARTHES, 1985, p.93)

A escrita mostra o movimento melancólico, pois se ao escrever o autor pretende apoderar-se do objeto inapreensível, assim que a escrita se faz presente, o objeto já se perdeu novamente, continua recaído

sobre o Eu. E é justamente esse caráter incorpóreo e fantasmático do texto das **Cartas Portuguesas** que o abre para o infinito da leitura.

O texto literário estudado situa-se no campo da arte e a arte segundo uma interpretação agambiana é o fantasma. É algo inapreensível porque se situa num campo outro de cognição. A literatura instaura-se numa terra intermediária entre a verdade e a mentira, a vida e a morte. Se ela (a literatura) tem algo a nos revelar, é a sua insignificância, no sentido literal do termo – traço de uma estrutura melancólica. Pois é justamente quando percebemos o caráter escorregadio da **Cartas Portuguesas** que nos tornamos capazes de perceber o significado amplo da obra de arte. Não mais porque essa pode ser conectada com os conceitos freudianos, mas porque o trabalho com a linguagem torna a obra literária repleta (por isso possível de ser conectada com vários campos do saber) e vazia, porque essas conexões nos mostram que o texto, a tessitura da linguagem, revelam “apenas” um caminhar para a morte. Como esclarece em “Idéia da Morte”, o autor Giorgio Agamben:

O anjo da morte, que em certas lendas se chama Samael, e do qual se conta que o próprio Moisés teve de o afrontar, é a linguagem. O anjo anuncia-nos a morte – e que outra coisa faz a linguagem? – mas é precisamente este anúncio que torna a morte tão difícil para nós. Desde tempos imemoriais, desde que tem história, a humanidade luta com o anjo para lhe arrancar o segredo que ele se limita a anunciar. Mas das suas mãos pueris apenas se pode arrancar aquele anúncio que, assim, como assim, ele nos viera fazer. O anjo não tem culpa disso, e só quem compreende a inocência da linguagem entende também o verdadeiro sentido desse anúncio e pode, eventualmente, aprender a morrer. (AGAMBEN, 2003, p.126)

Retomando agora o trecho citado no início deste artigo, o texto é produtividade. É um campo aberto, onde não há mais autor, ou se há

autor, o autor é a própria linguagem. Então a linguagem literária e especificamente a linguagem literária amorosa, que aqui está sendo estudada, é uma linguagem que não diz apenas de uma perda, de um luto, de acordo com a lente freudiana; a linguagem das **Cartas Portuguesas** diz do nada, habita o território literário. Nesse texto não há mímese da vida, há produtividade, há o nada e por isso nele encontramos tudo. O grande segredo escondido nas **Cartas** é a própria linguagem. Em seu livro **A parte do fogo**, Blanchot diz dessa nulidade da literatura:

Que a literatura seja ilegítima, que exista nela um fundo de impostura, sim, certamente. Mas alguns descobriram mais: a literatura não é apenas ilegítima, mas também nula, e essa nulidade constitui talvez uma força extraordinária, maravilhosa, a condição de ser isolada em estado puro. (BLANCHOT, 1997, p.292)

Podemos concluir que a linguagem das **Cartas Portuguesas** é tanto melancólica (utilizando as reflexões de Agamben sobre escrita e melancolia) quanto um exercício de luto, por parte da voz apaixonada (utilizando o texto freudiano). Mas o texto aqui analisado ultrapassa qualquer esforço de interpretação. Se temos algo a aprender com a leitura das **Cartas** é sobre a inesgotável potência do texto enquanto produtividade que se faz presente devido à inocência da linguagem, ao caminhar para a morte.

#### ABSTRACT

This is an analysis of Mariana Alcoforado's **Cartas Portuguesas**, based on Freud's "Luto e Melancolia" and on the first part of Giorgio Agamben's **Estâncias**, which also concerns the themes of mourning and melancholy.

Keywords: Mariana Alcoforado; **Cartas Portuguesas**; Love; Mourning; Melancholy; Productivity.

**Referências:**

AGAMBEN, Giorgio. **A linguagem e a morte** – um seminário sobre o lugar da negatividade. Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. **Estâncias** – A palavra e o fantasma na cultura ocidental. Tradução Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ALCOFORADO, Mariana. **Cartas Portuguesas**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

BARTHES, Roland. **Inéditos** vol.1 – Teoria. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 5 ed. Tradução Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. V. 2. Tradução Cláudia Dornbush, Helga Araújo, Maria Rita Salzano e Luiz Alberto Hanz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

